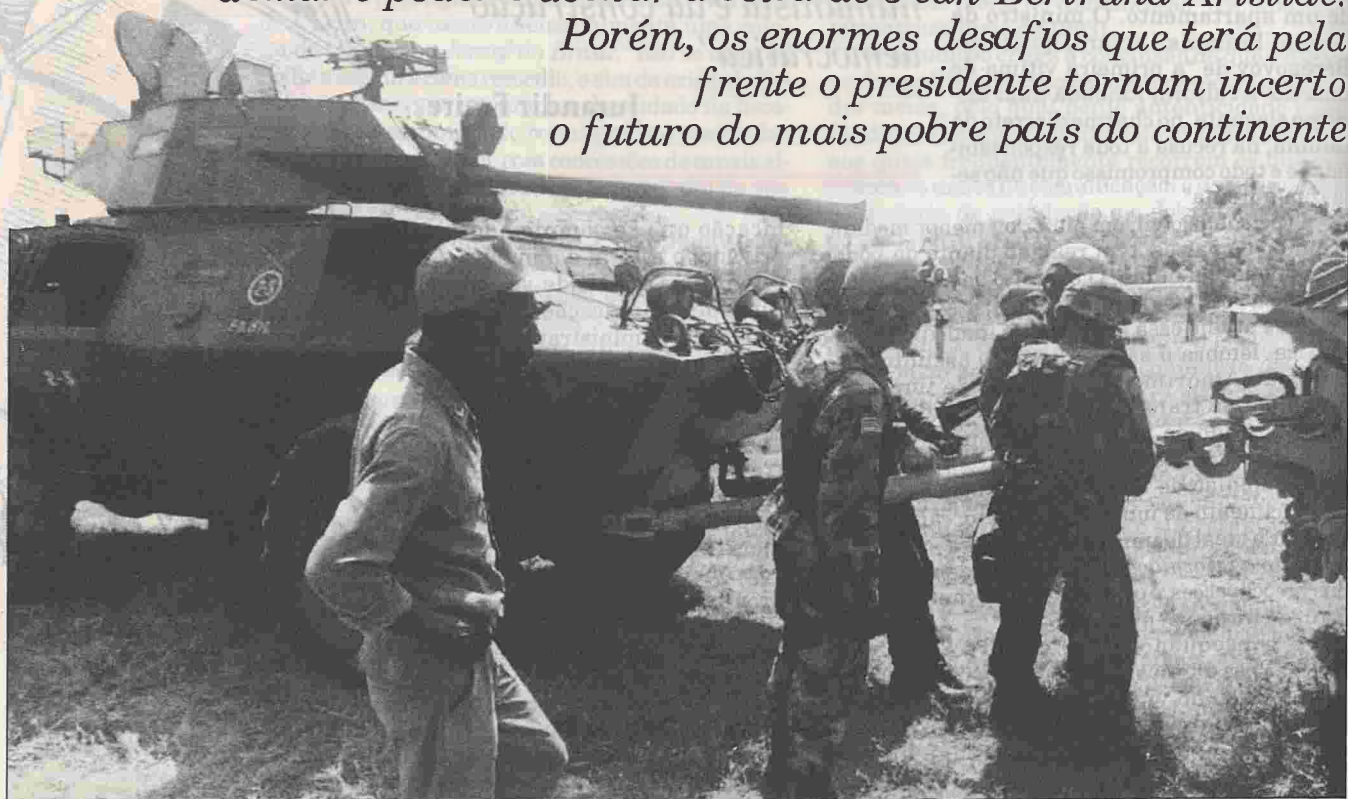


# Regresso sem glória

*A intervenção dos Estados Unidos obriga a junta militar a deixar o poder e aceitar a volta de Jean-Bertrand Aristide.*

*Porém, os enormes desafios que terá pela frente o presidente tornam incerto o futuro do mais pobre país do continente*



*Pela segunda vez nesse século, tropas norte-americanas estão em solo haitiano. Da primeira vez, em 1915, permaneceram 19 anos*

## Roberto Bardini

**D**epois de uma crise que durou três anos, o presidente deposto Jean-Bertrand Aristide reassumiu em outubro o poder no Haiti, em meio a um forte esquema de segurança montado pelas forças de intervenção norte-americanas.

Para os seguidores do presidente, a esperança do seu retorno começou a se tornar uma certeza em 19 de setembro, quando chegou a Porto Príncipe, a capital haitiana, o primeiro grupo de 12 helicópteros Blackhawk e Cobra com dez soldados norte-americanos a bordo de cada um. Os vôos continuaram até completar 3 mil efetivos. Era a segunda vez nesse século que forças militares dos Estados Unidos pisavam solo haitiano. A primeira foi em 1915 e a intervenção se prolongou até 1934.

Nem bem aterrissaram, os soldados – vestidos com uniformes camuflados de combate e armados com fuzis M-16 e lança-granadas SAWS – avançaram pelos edifícios do aeroporto com as costas coladas à parede e, em alguns lugares, entraram agachados. Os poucos disparos que receberam foram os *clicks* das máquinas fotográficas da imprensa estrangeira.

A cena beirou o ridículo. Como escreveu um correspondente estrangeiro, “as únicas pessoas que havia na redondeza eram centenas de jornalistas desarmados, que apontavam para eles suas câmeras e microfones para obter declarações”.

### “Vão embora ou os expulsamos”

– “Os ditadores vão deixar o Haiti e o presidente Jean-Bertrand Aristide retornará ao poder”, havia anunciado Bill

Clinton, com um leve sorriso, por cadeia de rádio e televisão na noite de domingo, 18 de setembro. O tom do presidente contrastou com sua ameaçadora mensagem de três dias antes, também transmitida em cadeia, dirigida à junta militar haitiana presidida pelo general Raoul Cedras: “O tempo se esgotou: ou vão agora ou os tiramos à força do poder.”

Apenas 90 minutos antes do anúncio, uma missão negociadora – composta pelo ex-presidente Jimmy Carter, o general Colin Powell, ex-chefe do Estado-Maior Conjunto, e o senador democrata Sam Nunn, presidente da Comissão de Assuntos Militares – havia conseguido em Porto Príncipe um acordo com Cedras. Foram quatro rodadas de tensas conversações que se iniciaram na tarde de sábado, dia 17, e foram concluídas às 8 horas da noite do dia se-

guinte. A paciência de Carter durante as 15 horas que duraram as discussões, e principalmente o desembarque militar norte-americano na ilha, influíram para que Cedras cedesse.

A força do desembarque estava composta por 22 barcos, dois porta-aviões, 60 aviões, dezenas de helicópteros e 20 mil efetivos da infantaria e dos pára-quedistas. A maioria pertencia à belicosa Divisão 82, baseada em Fort Bragg (Carolina do Norte), com experiência nas invasões a Granada (1983) e Panamá (1989).

Não havia se passado nem sequer três dias desde que Cedras assegurara: "Prefiro morrer a deixar atrás de mim a desonra de um nome maculado para meus filhos. Não estou interessado em uma vida cômoda no exílio, mas no futuro do Haiti." Em declarações à cadeia de TV norte-americana CBS, o militar havia afirmado que "se os norte-americanos desembarcarem, haverá um banho de sangue e começará uma prolongada guerra civil".

Resultado: as tropas norte-americanas começaram a desembarcar sem encontrar resistência, Cedras, seus asseso-



Clinton e Carter: um acordo com demasiados pontos obscuros

sores mais próximos e famílias partiram para um exílio dourado e o banho de sangue prognosticado não aconteceu, embora continuem se registrando surtos de violência. Porém, ainda não está claro qual será o futuro do Haiti.

**Pobreza com dignidade** – Depois que o ditador *Baby Doc* Duvalier fugiu da ilha em 1985, o Haiti conheceu um

longo ciclo de golpes militares, contra-golpes e manifestações populares. Em março de 1990, subiu ao poder um governo civil provisório que convocou eleições presidenciais para dezembro daquele ano. O sacerdote Jean-Bertrand Aristide, defensor da Teologia da Libertação, ganhou com 67% dos votos – fundamentalmente da população urbana pobre – e assumiu em fevereiro de 1991.

O programa de Aristide, a quem seus seguidores carinhosamente chamam de *Papá Titid*, se baseava na luta contra a corrupção e o narcotráfico, previa um minucioso plano de alfabetiza-

## Papá Titid

Em 1990, durante sua campanha eleitoral, o padre salesiano Jean-Bertrand Aristide prometeu pão para os famintos, proteção para os desprotegidos e castigo para os militares pós-duvalieristas e os *tonton-macoutes*, a temível polícia secreta da ditadura. Educado na Teologia da Libertação, este sacerdote negro e magro explicava com sua costumeira voz suave que sua mensagem se baseava nos Evangelhos e se resumia em duas palavras: amor e justiça.

As vezes, em atos públicos que reuniam multidões, mudava o tom e pregava sermões revolucionários. Assegurava que no Haiti só existiam duas classes sociais: os milionários e os miseráveis. E identificava, sem parábolas, quem considerava causadores dos males do país: os ricos, os duvalieristas e Estados Unidos.

Seus seguidores, quase 70% da população, começaram a chamá-lo carinhosamente de *Papá Titid*. Afirmavam que era um conhecedor do vodú, religião seguida pela maioria da população haitiana, e que possuía poderes sobrenaturais. Assim se explicaria o fato de ter escapado ileso de quatro atentados contra a sua vida.

Seus inimigos, dentro e fora do Haiti, não toleraram o carisma deste sacerdote, formado em Teologia e Psicologia, que fala cinco idiomas, além do francês e do *creóle*, o dialeto local. O Vaticano iniciou um processo para proibir que exercesse suas funções de sacerdote. Depois de sua derrubada, em setembro de 1991, e seu exílio nos Estados Unidos, a Agência Central de Informação (CIA) elaborou um relatório que colocava dúvidas sobre sua saúde mental ao defini-lo como "instável e depressivo".



Aristide: um futuro pouco claro

## Os golpistas

\* **General Raoul Cedras** – 45 anos, comandante-em-chefe das Forças Armadas e “homem forte” desde o golpe de estado que em setembro de 1991 derrubou Jean-Bertrand Aristide, se exilou no Panamá após a intervenção norte-americana. Havia sido considerado “legalista” por ter garantido a segurança dos votantes nas primeiras eleições livres da história do Haiti em dezembro de 1990. Agradecido, Aristide o designou para o principal cargo militar do país.

\* **General Phillipe Biamby** – 37 anos, companheiro de graduação de Cedras na academia militar em 1973, chefe do estado-maior. Aqueles que o conhecem garantem que é o mais “duro” do triunvirato militar: embora preferisse manter-se em segundo plano, foi o verdadeiro artífice do golpe de estado de setembro de 1991. Ameaçou se suicidar se os Estados

Unidos invadissem o Haiti, mas preferiu partir para um confortável exílio no Panamá.

\* **Coronel Michel François** – 36 anos, chefe de polícia e um dos homens mais temidos do Haiti. Imediatamente após o golpe, criou milícias civis integradas por assassinos, conhecidos como *attachés*, semelhantes aos *tonton-macoutes* da ditadura duvalierista. Graças à intervenção da ONU, recebeu autorização do governo Balaguer para asilar-se na vizinha República Dominicana.

\* **Émile Jonassaint** – 81 anos. Era presidente da Corte Suprema quando a ditadura decidiu convertê-lo em presidente provisório do Haiti em maio passado, em um aberto desafio às pressões internacionais pela volta de Aristide. Um marionete senil.

ção e propunha passar “da extrema pobreza à pobreza com dignidade”. Enquanto esteve no governo, promoveu um movimento de massas participativo para a solução de problemas concretos, conhecido como *Lavalas*, que significa “avalanche”.

Em 30 de setembro – apenas 230 dias após sua posse – Aristide foi derrubado por um sangrento golpe militar dirigido pelo general Raoul Cedras e se viu obrigado a abandonar o país. As inumeráveis violações aos direitos humanos dos golpistas provocaram uma forte pressão internacional. A Organização dos Estados Americanos (OEA) decretou um embargo comercial e os Estados Unidos suspenderam a ajuda econômica, enquanto México, Venezuela e França assumiram o papel de protagonistas no apoio a Aristide no exílio. Posteriormente, a Organização das Nações Unidas (ONU), cedendo a pressões de Washington, autorizou o “uso de todos os meios” para restabelecer o governo constitucional.

**Os dentes do tubarão** – Desde o golpe de setembro de 1991 até o início de 1994, milhares de pessoas foram presas e torturadas, muitas com requintes de crueldade, e mais de 3 mil haitianos foram mortos pelo regime militar. Desde então, esse número cresceu e cerca de 300 mil pessoas se viram obrigadas a passar à clandestinidade

devido ao clima de terror que imperava. Em geral, os perseguidos eram simpatizantes de Aristide, mas também havia muitos cidadãos comuns, como demonstram os incidentes onde grupos paramilitares incendiaram bairros inteiros e atacaram comunidades rurais.

Para escapar da repressão política e da fome, milhares de haitianos se lançaram ao mar em frágeis embarcações

com destino aos Estados Unidos. Cerca de 14 mil foram alojados pelos Estados Unidos na base naval norte-americana de Guantánamo, onde disputam espaço com *balseros* cubanos que tentaram chegar à Flórida e foram devolvidos pelo serviço de vigilância costeira.

Como diz um velho ditado haitiano, criado na época do “presidente vitalício” *Papá Doe Duvalier*, ditador de 1957 até



Cedras: acordo para abandonar o poder lhe garantiu um exílio dourado no Panamá

sua morte em 1971: "Os dentes do tubarão são mais suaves que a mão do tirano."

**Um acordo imperfeito** – Os problemas começaram no dia seguinte ao acordo negociado pela missão dos Estados Unidos. Em uma entrevista coletiva à imprensa na Casa Branca, Clinton – acompanhado de Carter, Powell e Nunn – manifestou que o exílio da junta militar não era a meta das negociações. "Tratar sua partida não era o objetivo da missão de Carter. A finalidade era que deixassem o poder", disse.

O general Powell, por sua vez, explicou que a estrutura de poder no Haiti continuará sem modificações durante algum tempo. A única garantia confiável para a transição – comentou – eram os 15 mil efetivos militares que haviam começado a ocupar o território. Em alguns meses, a operação passará ao controle dos *capacetes azuis* da Organização das Nações Unidas.

Mas a "garantia confiável" era pouco sólida. Ao chegar a Porto Príncipe, o chefe da missão militar norte-americana, comandante William Shelton, se reuniu durante duas horas com o general Cedras. Ao final do encontro, Shelton disse aos correspondentes estrangeiros que, para suas tropas, "a principal prioridade não é a segurança interna haitiana".

A imprensa interpretou a frase como uma decisão de não enfrentar os grupos paramilitares de *tonton-macoutes* e *attachés*, e, muito menos, patrulhar os bairros da periferia de Porto Príncipe controlados por eles. A presença norte-americana se limitaria a resguardar edifícios estratégicos da capital.

"É um acordo sumamente imperfeito", sintetizou Mike Barnes, conselheiro de Aristide. "Os ditadores vão ficar no poder um período suficientemente longo e, ao que parece, vão conseguir a anistia pelo milhares de crimes e violações que cometeram."

O acordo logrado por Carter, Powell e Nunn previa uma lei de anistia ao general Cedras e seus cúmplices, a sua saída do país e o descongelamento dos seus bens no exterior. E, obviamente, a volta do presidente deposto.

**Os desafios do futuro** – Aristide já declarou que está disposto a deixar o governo quando terminar seu mandato em fevereiro de 1996, embora tenha

## Três anos de crise

### 1991

30/09: Aristide é derrubado.

01/10: em Washington, uma reunião de chanceleres pede na Organização dos Estados Americanos (OEA) o retorno de Aristide. É a primeira vez na história do hemisfério que se faz essa exigência aos líderes de um golpe.

08/10: a OEA recomenda a seus membros que imponham um embargo comercial ao Haiti.

### 1993

03/07: Aristide e Cedras assinam em Nova Iorque um acordo auspiciado pela ONU que prevê a renúncia do militar e outros chefes golpistas e a volta do presidente ao Haiti.

11/10: uma multidão controlada pelos militares proíbe um navio dos Estados Unidos de atracar em Porto Príncipe e desembarcar sua tripulação, enviada pela ONU para restaurar a democracia.

13/10: o Conselho de Segurança aprova por unanimidade o endurecimento das sanções comerciais ao Haiti.

19/10: navios dos Estados Unidos e Canadá impõem um bloqueio para garantir o respeito ao embargo da ONU.

### 1994

31/07: o Conselho de Segurança autoriza Clinton a utilizar a força, se necessário, para derrubar os militares e reinstalar Aristide.

12/09: o secretário de Estado Warren Christopher anuncia que se "esgotaram" os esforços diplomáticos e que 17 países se comprometeram a enviar 1.500 soldados para integrar a força de intervenção.

15/09: ultimato de Clinton à ditadura. Cedras assegura que vai resistir.

17/09: Jimmy Carter, Colin Powell e Sam Nunn viajam a Porto Príncipe.

18/09: chega-se a um acordo.

19/09: três mil soldados dos Estados Unidos começam a ocupação.

passado a maior parte de sua gestão no exílio. A Constituição haitiana não permite que um presidente, ao terminar seu mandato, se candidate à reeleição, portanto a possibilidade de que o padre se mantenha no cargo está excluída. Não obstante, Aristide não está disposto a considerar acabado seu mandato até que tenha entregue a faixa presidencial a um sucessor eleito democraticamente, o que constituiria um fato sem precedentes na conturbada vida institucional haitiana.

Por enquanto, o governo enfrenta um temível desafio: necessita de cerca de 800 milhões de dólares para a re-

construção do país nos primeiros 12 meses. A curto prazo, Aristide deverá dispor de 175 milhões de dólares para programas estatais, igual valor para gerir o orçamento de Estado e 250 milhões para projetos sociais. Serão destinados 90 milhões para ajuda humanitária e 80 milhões para cobrir os serviços da dívida externa – mais de um bilhão de dólares –, que não haviam sido pagos nos últimos três anos.

O plano de reconstrução de Aristide prevê a redução e profissionalização do exército – que atualmente é de 7 mil homens – e a criação de uma polícia civil.